

## No quintal da jovem Wigna, a água vira flor, fruto e esperança

Moradora da comunidade rural de Maracanaú, em Mossoró, no Rio Grande do Norte desde 2011, a jovem agricultora Wigna Nogueira da Rocha, de 28 anos, conhece profundamente a realidade de viver e produzir no rural.

“Lembro até hoje quando meu avô levava a gente pro cercado. Quando chovia, a gente ia plantar e só saía de lá quando terminava. Era muito bom. Daí pra cá, nunca deixei a agricultura”, relembra, com saudade, dos tempos ao lado do avô, Raimundo Germano Rocha, no sítio Trapiá, em Assú (RN), onde viveu até os 8 anos de idade.



Em 2024, a vida de Wigna deu um novo passo com a chegada da cisterna de segunda água, conquistada através da atuação do Centro Feminista 8 de Março com o programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2). “Quando eu soube que tinha ganhado a cisterna, foi uma felicidade imensa. Os vizinhos viam meu sofrimento com a falta de água. Quando ganhei, eu não acreditei. Foi um sonho realizado, ter de onde abastecer minha água para produzir”, conta emocionada.



Antes da cisterna, a água era escassa. “Quando cheguei aqui, água era difícil. Eu dependia de pedir aos vizinhos”, lembra. A realidade mudou completamente com o acesso à política pública. Hoje, no quintal de Wigna, a terra é fértil: acerola, seriguela, umbu, romã, pinha, mamão, coco, limão, milho, cana-de-açúcar, pimenta e uma variedade de plantas medicinais como cidreira, capim santo e malva, além de flores ornamentais que colorem o espaço com muita beleza. “Depois dessa cisterna, tá aí: as plantas todas verdinhas. Foi uma bênção!”, comemora.

Ao lado do companheiro, Nazareno de Lucena, Wigna também cria galinhas e bodes. Com a primeira parcela do recurso recebido via fomento produtivo, construíram um aprisco para garantir o bem-estar dos animais. “Melhorou muito! Antes a dificuldade era grande. A gente não podia aguar uma planta, as plantas morriam e não tinha onde abastecer de água”, relata.



O impacto da cisterna ultrapassou os limites de seu quintal. A fartura se estende à família e aos vizinhos, que compartilham entre si os frutos que a terra dá. “A gente sempre está dividindo e ajudando uns aos outros”, afirma, reforçando os laços de solidariedade da comunidade onde vive.



Tudo o que produz atualmente é para o consumo da família, mas Wigna quer mais. Com a segunda parcela, o sonho é transformar a produtividade em renda, ampliando o cultivo com bananeira, coqueiro, cheiro-verde e tomate, e estruturando uma horta que permita comercializar seus produtos na própria comunidade.



“Olho diferente pro meu quintal depois da cisterna da segunda água. Tenho muitos planos para construir. Vai ser muito bom”, diz, esperançosa.